



## Novos parentes no Antropoceno

Rodolfo Eduardo Scachetti<sup>1</sup>

**RESUMO:** Num mundo de incertezas crescentes, a própria matriz epistemológica configurada pelas ciências modernas está balançando. O esgotamento do mundo natural está refletido também pela crise das formas objetivistas e racionalistas de conhecer e agir, e a academia tem se aberto a outros saberes que podem ajudar a compor novas estratégias de convivência. Dentre eles, os conhecimentos tradicionais têm tido interesse renovado. Neste ensaio, mergulhamos brevemente em linhas da obra da bióloga e filósofa Donna Haraway, que fez essa aproximação com o tradicional, e relembramos também a ficção filosófica *Vampyroteuthis infernalis*, de Vilém Flusser e Louis Bec. Ambos são contribuições relevantes para arejar formas de ver, pensar e agir no contexto do Antropoceno e das mudanças climáticas. Renovar essas formas de estar no mundo significa superar o “excepcionalismo humano” (base do entendimento da superioridade da espécie humana) e o “existencialismo biológico” (expressão que nos ajuda a compreender a desconsideração que dirigimos a algumas espécies). Significa caminhar na direção do que a bióloga estadunidense chamou de “pensamento tentacular” e buscar, no Antropoceno, o encontro de novos parentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mudança climática. Antropoceno. Haraway.

---

## New relatives in the Anthropocene

**ABSTRACT:** In a world of increasing uncertainty, the epistemological matrix itself configured by modern sciences is rocking. The exhaustion of the natural world is also reflected by the crisis of the objectivist and rationalist ways of knowing and acting, and the academy has been open itself to other knowledge that can help to make up new strategies of coexistence. Among them, traditional knowledge has been of renewed interest. In this essay, we briefly immersed ourselves in lines of the work of biologist and philosopher Donna Haraway, who made this approach to the traditional, and we also recall the philosophical fiction *Vampyroteuthis infernalis*, by Vilém Flusser and Louis Bec. Both are relevant contributions to airing ways of seeing, thinking and acting in the context of the Anthropocene and climate change. Renewing these forms of being in the world means overcoming “human exceptionalism” (the basis of understanding the superiority of the human species) and “biological existentialism” (an expression that helps us understand the disregard we address to

---

<sup>1</sup> Doutor em Sociologia pela Unicamp. Professor Associado do Instituto do Mar da Unifesp. E-mail: [rodolfo.scachetti@unifesp.br](mailto:rodolfo.scachetti@unifesp.br)



some species). It means walking towards what the American biologist called "tentacular thinking" and seeking, in the Anthropocene, the meeting of new relatives.

**KEYWORDS:** Climate change. Anthropocene. Haraway.

---

## INTRODUÇÃO

O gênero da ficção filosófica parece estar ganhando mais espaço em tempos conturbados, inclusive do ponto de vista epistemológico, quando incertezas alcançaram com força as próprias matrizes científicas do conhecer. Com o aprofundamento da crise das representações universalistas, da Razão em meio às novas barbáries, outros modos de ver e pensar têm voltado a povoar a academia, já que das ruas nunca foram totalmente erradicadas. Evidentemente, há ainda esforços na direção do estabelecimento de valores tendencialmente universais como, por exemplo, os próprios princípios da democracia e dos direitos humanos. Na prática, entretanto, é possível ver que há tantas democracias quantos países que se dizem democráticos, tornando as diferenças entre eles possivelmente mais relevantes do que as semelhanças. Uns ainda se aproximam mais dos chamados Estados de Bem-Estar Social formados na Europa no período pós-1945, enquanto outros mantêm, por vezes, práticas que não fazem eco com o chamado Estado de Direito, já que ainda comportam trabalho análogo a escravo e sistema prisional cheio de distorções, para dizermos o mínimo. Por outro lado, a globalização trouxe alguns aspectos de caráter universalista, em especial no tocante à questão econômica. De um jeito ou de outro, em meios às diferenças todas de visões, práticas, valores, é possível dizer que há uma economia global em funcionamento, que se apoia sobre uma cultura que se pretendeu universal e uma língua franca (inglês), e que realizou de modo variado parte de seu projeto ao redor do globo. Fez isso com o apoio de empresas transnacionais, de governos muitas vezes melhor representados em entidades multilaterais e, por fim, não menos importante, através de uma fortíssima indústria cultural que auxilia a disseminar mundo afora alguns valores ocidentais, especialmente no que tange ao consumo.

Essa história de uma chamada aculturação não é nada nova, ainda que possa estar revestida de modo diferente. Tornar o outro igual a si mesmo tem sido prática comum na medida em que a cultura colonial, marcante a partir do século XVI, e que se estabeleceu em vários lugares do globo, pretendeu em última instância eliminar os povos não-europeus. Fosse através de conversão ou



*Revista ClimaCom, esse lugar, que não é meu? | pesquisa – ensaio | ano 9, no. 22, 2022*

mesmo extermínio. O que isso significa? Que só se aceita a si mesmo ou seus semelhantes. Um tanto diferente do relato histórico dos romanos que puderam incorporar a cultura helenística em seu projeto imperial na Antiguidade, a história mais recente de colonização testemunhou as incorporações acontecendo em meio a conflitos e disputas, cuja tônica foi primordialmente de rebaixamento entre culturas distintas. Nos Estados Unidos, por exemplo, houve extermínio dos povos autóctones, a despeito das influências remanescentes, enquanto no Brasil e na América Latina houve movimento similar, ainda que a resistência tenha sido melhor sucedida ao longo dos séculos, deixando como legado não só uma influência nas diferentes culturas nacionais, bem como a própria permanência de diversas populações originais (muitas delas salvas via manutenção de certo isolamento).

À margem dos fortes processos modernos de tentativa de universalização cultural, subsistem então populações cujos modos de vida se baseiam em outras matrizes de saber. A matriz ocidental moderna e sua supremacia tecnológica parecia ser parte de um caminho sem volta rumo ao desenvolvimento e ao chamado esclarecimento. Mas, em uma espécie de reedição do trágico grego que, de qualquer maneira, fundou em larga medida essa cultura, aparentemente os novos deuses do contemporâneo têm se voltado contra os humanos (e, infelizmente, afetando primeiro os mais vulneráveis). O mais famoso desses deuses é, na verdade, uma espécie de deusa: Gaia, ou essa entidade que é a Terra tal como reimaginada pelo ambientalista britânico James Lovelock.

Gaia ou a Terra ou mesmo a natureza tem sido entendida frequentemente pelos humanos como mãe-Terra. Mas de mãe rica e generosa, Gaia parece cada vez mais esgotada diante de tamanha violência a que tem sido submetida e vem se convertendo em algo como uma mãe severa e rigorosa, que tem enviado cada vez mais mensagens de alerta. Estamos conseguindo decifrar seus sinais?

É nesse sentido que temos visto tentativas de acadêmicos, desde o surgimento dos debates ecológicos nos anos de 1960, de se abrir aos mil nomes de Gaia. E muitos desses acadêmicos esperam fazer isso a partir de conversas com quem em geral lutou para não se afastar dela: as populações tradicionais. Reabrir as matrizes modernas do conhecimento, contaminar epistemologias objetivistas com ontologias tradicionais tem sido uma das possíveis vias de diálogo na busca por evitar que as tragédias que se anunciam ocorram ainda em maior profusão. A perda



*Revista ClimaCom, esse lugar, que não é meu? | pesquisa – ensaio | ano 9, no. 22, 2022*

de territórios dos mais vulneráveis e as migrações em função das mudanças do clima já são uma realidade. Seguramente a parte mais cruel do chamado retorno ou intrusão de Gaia, nos termos da filósofa belga Isabelle Stengers, é que sua ira tende a atingir em cheio as populações mais vulneráveis e que, grosso modo, têm menor ou nenhuma responsabilidade nas chamadas mudanças climáticas. Nesse sentido, será preciso investir muitos esforços para buscar arrefecer essas mudanças, cujas evidências se acumulam a despeito das guerras culturais. Mas, considerando-se que as mudanças climáticas são um fato para a maioria absoluta dos cientistas - e só não assusta quem quer seguir até o esgotamento de tudo o que existe no planeta - por onde devemos começar? Compreendendo que não temos mais tempo, o que fazer?

A antiga questão fundadora das ciências sociais sobre que peso dar para as ações individuais e as estruturas sociais permanece, nesse contexto, muito atual. Parte substantiva dos esforços no campo das políticas ambientais envolve, por exemplo, o campo da educação ambiental que, em geral, não terá muito a fazer no tocante ao sistema político, técnico e econômico que está na base das distorções contra Gaia. Todo o campo de estudos recentes sobre comportamentos pró-ecológicos se pauta mais em avaliar como agem os indivíduos do que como as estruturas sociais (que aqui podemos entender de modo simplificado com exemplos como: preços das coisas, acesso, recursos disponíveis, entre outros) influenciam ou mesmo condicionam suas ações. O campo que nos interessa neste ensaio talvez possa ser considerado o do meio entre o agir e as estruturas: entre os mistérios psicossociais das ações humanas, motivadas por múltiplas dimensões, e as fantasmagóricas estruturas sociais que não vemos, que não descem às ruas, mas que sabemos terem papel central nos rumos das sociedades, onde mirar esforços transformadores?

Ao que parece, jeitos de ver, pensar e agir podem pressionar a imobilidade de estruturas sociais, e estruturas arejadas podem reconfigurar e fazer subsistir, nas novas gerações, formas novas de ver, pensar e agir. As forças progressistas como o movimento contra o preconceito racial e o feminismo trouxeram exemplos de progressos variados ao redor do globo que partiram do nível microssocial e avançaram para níveis superiores em termos de organização coletiva. Níveis estruturais das sociedades ocidentais contemporâneas passaram por modificações, atingindo-se inclusive, em muitos casos, estatutos legais. Mas no caso da problemática ambiental, vale insistir: onde mirar os



*Revista ClimaCom, esse lugar, que não é meu? | pesquisa – ensaio | ano 9, no. 22, 2022*

esforços? Dada a urgência do tema, é necessário considerar que no caso ecológico *anything goes*. Nesse vale tudo na defesa de Gaia a academia deve ocupar um papel de destaque, na medida em que as ciências são parte integrante da ESTRUTURA das sociedades contemporâneas, e pretendem sim influenciar comportamentos e ações. As vacinas contra a COVID-19 estão aí para confirmar isso. Uma ciência pura, neutra e desengajada deixou de ser uma imagem realista para representar o campo das pesquisas. As ciências são, grosso modo, parte das forças produtivas, não estão isentas dos campos ideológicos em disputa, e nesse sentido devem se colocar na sociedade como tal. Epistemologia e ontologia são, mais do que ramos de estudos sobre o conhecer e o ser, possíveis caixas de ferramentas através das quais os indivíduos vêem, sentem, pensam e agem. Estão de certa maneira no caminho do meio entre estruturas e indivíduos, na medida em que todos vivemos e agimos segundo nossos valores e crenças, incluindo e com destaque para nossas culturas que, em muitos casos, envolvem níveis de letramento científico.

Ora, as ciências se encantaram ao longo de sua história moderna com seu próprio brilho. Em um reflexo narcísico, andaram bastante de mãos dadas com a guerra e com o capital, parceiros, é preciso dizer, que em alguma medida nos fazem lembrar do personagem Fausto. Nesse sentido, a mesma esfera que é representada como salvadora de vidas com seus inventos no campo da saúde (e nos esquecemos por vezes das relações diretas dos inventos com os recursos financeiros e da questão do acesso), possibilitou e possibilita dominação e destruição. A expansão marítima ibérica do século XVI só foi possível com técnica e ciência. As revoluções industriais que colocam o mundo contemporâneo em patamares inéditos de emissão de gases que têm provocado alterações no clima só foram possíveis com técnica e ciência. A energia nuclear que move nações e ameaça os humanos é outro exemplo. Passou da hora das ciências fazerem sua autocrítica. Através de mentes as mais interessantes, isso felizmente tem ocorrido desde pelo menos os anos 1960. Aqui vamos tratar brevemente de um exemplo de uma cientista que tem feito, na nossa visão, um interessantíssimo movimento de conversão: poderíamos dizer que compreendendo que as bases epistemológicas de seu campo de saber não eram suficientes para sua plena atuação, ela decidiu se abrir de alguma maneira a novos saberes. Nesse sentido, teve encontros com ontologias de povos tradicionais e claramente os rumos de sua carreira foram modificados. Ela é a bióloga estadunidense Donna Haraway.



Haraway, ao longo de sua carreira, tornou-se mais filósofa do que zoóloga, mas impossível não notar a influência que uma área produziu na outra. E agora voltamos ao início deste ensaio: ela é uma das escritoras de destaque produzindo ficções filosóficas que esperam dialogar com nosso tempo de incertezas. E Haraway dá uma solução das mais interessantes em seus escritos ao falso dilema da ação x estruturas. O sujeito de Haraway é melhor definido como ciborgue, holobionte, pós-húmus. É esse sujeito composto (no sentido também da compostagem), não autopoietico (autofabricado), mas simpoietico (fabricado junto), que povoa os textos de Haraway; diante da devastação ambiental, suas respostas parecem mirar epistemologias e ontologias que participam desse mundo que produz, na expressão de Anna Tsing, ruínas. Haraway renova a filosofia e as ciências humanas em seu diálogo nem sempre produtivo com as ciências da vida. Num esforço de décadas de refazer nossos entendimentos, a bióloga deixa pra trás as teorias do excepcionalismo humano e reencontra “ontologias” tradicionais, formas de vida de povos que sempre viram mistura e a composição de agentes os mais diferentes atuando conjuntamente no mundo: bichos, plantas, espíritos, deuses. Pouco afeita ao mundo bem-organizado epistemologicamente pela modernidade e na prática em vias de devastação constante, seu pensamento tentacular é, poderíamos dizer, a abordagem metodológica de Haraway na trilha de defender novos parentescos nesses tempos de separação. Pensar junto de aranhas, polvos e lulas não é, afinal de contas, uma coisa que podemos considerar das mais comuns na história das ciências, que se acostumaram a pensar ‘sobre’ as espécies, e não ‘com’ elas como tantas vezes fazem as populações tradicionais por meio das técnicas xamânicas.

É verdade que a história de Haraway sobre fazer novos parentes nesses tempos de crise já teve outras edições. Se é próprio do gênero das fábulas travarmos relações com os animais, o filósofo checo-brasileiro Vilém Flusser e o argelino Louis Bec escreveram, no final dos anos 1980, um ensaio dos mais interessantes no campo das ficções filosóficas. *Vampyroteuthis infernalis: a Treatise, with a Report by the Institut Scientifique de Recherche Paranaturaliste* pode ser lido como precursor dos escritos recentes de Haraway, ainda que suas concepções fossem bem pautadas em uma direção filosófica estranha às da bióloga. No livro, a lula vampiromórfica é investigada sob diversas óticas, em especial na tentativa de compreensão de seu **Dasein**. Provocação à própria noção heideggeriana de Dasein! Afinal, ela não atingia os não-humanos! Os autores nos assustam com uma efusiva



*Revista ClimaCom, esse lugar, que não é meu? | pesquisa – ensaio | ano 9, no. 22, 2022*

argumentação que mescla biologia e uma espécie de sociofilosofia das lulas, e nos levam a pensar nosso parentesco com esses seres que vivem nas águas profundas e escuras dos oceanos (na zona abissal). Em meio a diferenças e semelhanças com os humanos, as investigações sobre a arte, o sexo, a fisiologia dessas lulas, Flusser e Bec talvez tenham nos oferecido uma das principais chaves de compreensão das razões que autorizaram os modernos (os que buscaram ser e jamais foram) a se tornarem exterminadores dos outros entes, fossem outras espécies ou o próprio ambiente: no plano do que ambos chamaram “existencialismo biológico”, o nojo recapitularia a filogênese.

Em suma, quanto mais diferentes, mais sentiríamos asco dos outros animais, sendo o fato de serem invertebrados um fator decisivo nessa espécie de escala de produção de sensações. Ora, para Flusser e Bec, quanto mais exótico, maior o desgosto produzido; mas não teria sido, no moderno, toda diferença condenada a ponto de ser o cenário ainda pior do que esse do existencialismo biológico? Toda!

Olhando para o mundo global, Haraway espera reconectar essa história vista como de separação e exclusão: “Tentacularidade é sobre vida vivida ao longo das linhas – e que riqueza de linhas – não em pontos, nem em esferas. ‘Os habitantes do mundo, criaturas de todo tipo, humanas e não humanas, são viajantes’; gerações são como ‘uma série de trilhos entrelaçados’” (HARAWAY, 2016, p. 32, tradução própria). Os novos parentes no Antropoceno são uma chance de reconexão com culturas e espécies diferentes, que sinalizam formas de ver, sentir, pensar que são estranhas ao objetivismo moderno, mas que podem trazer oportunidades de, nas palavras de Haraway, continuarmos com o problema.

Esses dias, algo aconteceu por aqui: minha esposa encontrou uma lesma na alface. Invertebrada, diferente, com suas ‘antenas’. Sim, Haraway, não são antenas, são tentáculos! Por aí elas veem. Acho que tocam melhor o mundo do que nós, demasiado humanos, com seus tentáculos que veem. Minha esposa não teve dúvidas sobre o que fazer com a lesma. Colocou na floreira. Vem alimentando-a desde então com alface. Ela procriou e povoou outras floreiras. A nossa família cresceu, por mais difícil que possa ser para alguns parentes e vizinhas aceitar isso. Eu entendi. Espécies companheiras. Parece que era o que Haraway queria dizer com somos viajantes! Sim,



*Revista ClimaCom, esse lugar, que não é meu? | pesquisa – ensaio | ano 9, no. 22, 2022*  
somos viajantes, criaturas da terra e dos mares que migramos o tempo todo em busca de novos parentes que nos recebam em segurança em tempos ecologicamente tão conturbados, mas epistemologicamente mais esperançosos sob a ótica desse pensamento tentacular.

*Recebido em: 30/03/2022*

*Aceito em: 30/04/2022*

## **Bibliografia**

FLUSSER, V.; BEC, L. **Vampyroteuthis infernalis**: a Treatise, with a Report by the Institut Scientifique de Recherche Paranaturaliste. Minneapolis: University of Minneapolis Press, 1987.

HARAWAY, D. J. **Staying with the Trouble**: Making Kin in the Chthulucene. Durham e Londres: Duke University Press, 2016.

LOVELOCK, J. **Gaia**: A New Look at Life on Earth. Oxford: Oxford University Press, 2000.

STENGERS, I. **Au temps des catastrophes**: Résister à la barbarie qui vient. Paris: La Découverte, 2013.

TSING, A. L. **The Mushroom at the End of the World**: On the Possibility of Life in Capitalist Ruins. Princeton: Princeton University Press, 2021.